

Cuba e Brasil na mesma esquina

A primeira esquina do mundo onde o pianista cubano Gonzalo Rubalcaba encontrou o cantor, compositor e violonista brasileiro João Bosco foi a praia de Pequeá, durante o 1º Festival de Verão de Ilhabela (São Paulo), no mês de janeiro de 2000. A dupla, acompanhada naquela ocasião por Ivan Lins, fez duas apresentações em que a união perfeita de MPB e jazz cubano emocionou o público presente.

Tal "amor à primeira audição" entre Bosco, Rubalcaba e audiência amadureceu, virou uma parceria afinadíssima e saiu percorrendo estradas do Brasil, passando a partir de junho de 2000 por cidades como Brasília, Porto Alegre, São Paulo e Florianópolis. O mineiro mais carioca do Brasil explica o que rolava no palco quando se dava essa pororoca de latinidades:

- Esse encontro da música brasileira com a cubana é sempre mágico, enriquecedor - para ambos os lados. Nossa reunião resultou num trabalho vigoroso, caloroso e sensível.

O espetáculo que passa a entortar esquinas dos Estados Unidos e da Europa a partir de 2001 é mais que o simples somatório de duas exuberantes tradições musicais. Na verdade, Bosco e Rubalcaba encontraram a fonte comum que banha de som tanto o Brasil quanto Cuba - e se divertiram horrores nessas águas frescas.

- A raiz na música negra é uma afinidade fortíssima no nosso trabalho. Por outro lado, não é apenas o lado percussivo da negritude que provoca essa semelhança entre Brasil e Cuba, mas principalmente o lado harmônico dessas músicas. Estar com o Gonzalo - explorando não só a técnica, mas principalmente a sensibilidade e a imaginação dele -, quando ele passa a dissertar sobre temas comuns a nós dois: aí é que a coisa fica surpreendente, bonita de se ver - confessa João Bosco.

Durante cerca de duas horas, o público é a feliz testemunha desse excitante ecumenismo musical. A impecável técnica de improvisação de Rubalcaba e a musicalidade de Bosco

e de sua banda nos ganham desde o primeiro tema, o clássico chorinho "Tico-Tico no Fubá", numa versão jazzística bem distante da sonoridade original tipicamente brasileira. Depois, é a vez de o quinteto de João Bosco acompanhar o trio do cubano em duas canções de Bosco, "Ronco da Cuíca" - que virou um jazz latino arrebatador, uma potente massa sonora - e "Coisa Feita".

Em seguida, Gonzalo Rubalcaba mostra sua genial digitação ao piano e sua admirável capacidade de explorar as possibilidades harmônicas de um melodia, acompanhado de dois excelentes músicos, o baixista Carlos Henriquez e o baterista Ignacio Berroa. Os três mostram músicas do mais recente CD de Rubalcaba, "Inner Voyage": "Yolanda Anas" - belíssimo tema jazzístico que acaba se transformando num bolero -, o mambo de pé quebrado "The Hard One", "Joan", a delicada "Here's that Rainy Day" e uma versão "sonera" do "standard" "Caravan", de Duke Ellington.

João Bosco volta então ao palco com sua banda e todos juntos atacam de "Águas de Março", de Tom Jobim. O set solo do brasileiro e seu grupo começa com a canção "Enquanto Espero", e alterna boleros de Bosco com sucessos como "Papel Maché", "Corsário" e "Holofotes", sempre com a usual competência do músico e de seus colaboradores - o guitarrista Nelson Faria, o baixista João Baptista, o percussionista Marçal e o baterista Kiko Freitas. Na arrebatadora parte final (com a presença de Rubalcaba e grupo), os parentescos entre Brasil e Cuba - tanto rítmico-melódicos quanto temáticos - ficam evidentes com "Incompatibilidade de Gênios" e "Linha de Passe", emolduradas por inspirados solos do pianista.

Não é pouca coisa o que acontece naquele palco, não. A compatibilidade de gênios de João Bosco e Gonzalo Rubalcaba produz o que de melhor a música das Américas tem a oferecer ao mundo. Não é música para consumo rápido, nem moda latina "caliente" para divertir os gringos do Hemisfério Norte no verão. Esses caras fazem um som que voa bem alto:

- Eu atendo primeiro às necessidades que estão aqui - justifica Rubalcaba, apontando para a própria cabeça.

Roger Lerina

jornalista